p.t., uma ilusão perigosa

Falou-se muito do PT nos gabinetes da burguesia, no meio da vanguarda operária, nas discussões acaloradas da esquerda, no meio estudantil e, sobretudo, nos próprios organismos do partido. Nenhuma discussão, porém, de nosso conhecimento que estabelecesse uma aproximação correta da relação do PT com o caminho da revolução dos trabalhadores, da destruição das bases do poder da burguesia, da construção do poder operário e do socialismo neste país.

Nosso impulso e confiança em abrir este debate têm duas fontes: uma delas é a compreensão e a aceitação da doutrina marxista como a base do conhecimento decisivo para se entender a realidade da luta de classes e se definir os objetivos revolucionários na época em que vivemos.

A outra fonte é a participação ativa que temos tido na construção e direção do movimento operário recente em uma de suas duas principais correntes: o movimento centrado na teoria e na prática das oposições sindicais. Ali destilamos nossas ideias e preocupações na vivência dos problemas concretos colocados pela organização dos trabalhadores desde os locais de trabalho, passando pela luta contra os pelegos, pela conquista de sindicatos livres, passando pelas lutas contra a estrutura sindical, por articulações sindicais extraoficiais como os comandos de greve, interfábricas, piquetões .

Ali vivemos o movimento grevista que em 78 e 79 teve uma presença tão pujante e significativa quanto o de São Bernardo mas que nos anos seguintes, e especialmente em 79, sofreu uma repressão e um isolamento que São Bernardo esteve longe de enfrentar. Só para lembrar, o movimento operário de São Paulo, especialmente os metalúrgicos, teve que enfrentar a maior e mais bem montada máquina pelega da história do sindicalismo brasileiro.

Ali apreendemos também a identificar a face mais viva e traidora do reformismo de esquerda (via o PCB, o PC do B, a Hora do Povo), a política oscilante (entre conciliadora e esquerdista) dos trotsquistas, a trajetória do

sindicalismo autêntico (sentindo na carne as suas vacilações) e todo o cinismo da "abertura política", misto de circo e pancadaria que a burguesia brindou aos trabalharores.

Se no balanço geral de alguns anos de luta, a linha sindical "autêntica" se projetou nacionalmente como o "novo modelo" para a libertação dos trabalhores isso não se deveu principalmente a nossos erros, embora fossem muitos os que cometemos e também não a justeza incontestável daquela linha. A continuação deste debate permitirá uma análise mais séria e profunda disso.

Da nossa parte, investimos, ainda que sem um projeto político bem acabado - deixando-nos envolver na espontaneidade do movimento - no aspecto mais avançado do novo movimento operário pos-67, aquele que na teoria e na prática reconhecia a capacidade de se criar uma organização independente dos trabalhadores ao nível de fábrica, da luta sindical e da política em geral como o único meio dos trabalhadores romperem com a tradição paternalista que sempre os deixou a mercê das influências e do controle pelas classes dominantes e pela ideologia destas.

Não é uma teoria acabada: as respostas ainda se debatem com uma série de problemas mas tanto as perguntas como as respostas apontam para um caminho que diverge, em essência, da maioria dos companheiros que elegeram o PT como o trilho por onde passa o trem da revolução.

O PT não gozou, desde o seu surgimento, de nossa simpatia. Não porque negamos a necessidade de um partido de trabalhadores ou porque não percebemos o significado geral da nova proposta.

Desconfiamos do PT como resposta histórica à necessidade política dos trabalhadores por não acreditar que um projeto político que tomava como base de mobilização operária a teoria e os métodos do sindicalismo "autêntico" pudesse representar a ruptura do movimento operário com a camisa de força sindical, com o paternalismo político que tradicionalmente marcou a participação dos trabalhadores na política brasileira dos últimos 50 anos.

Não é por mero acaso que um documento recente do PT 64 de

convocação de um ativo sindical afirme que existem duas correntes no movimento sindical: o sindicalismo "autêntico" e o peleguismo, ignorando a teoria e a prática das oposições que proliferam no país e cuja meta não é simples e principalmente "tirar a direção das mãos dos pelegos" mas derrubar a estrutura sindical e construir em seu lugar um movimento operário organizado pela base, democrático, participativo.

Também não colocamos o PT, desde logo, no campo dos inimigos. Para usar uma imagem, o PT nos apareceu e aparece como uma fogueira que aquece os que lhe estão próximos, espanta as feras mas não ilumina as trevas.

Nossa tese ê que a principal condição para o PT assumir o conteúdo da bandeira socialista que genericamente abraçou é a de se colocar à frente da luta revolucionária dos trabalhadores e que esta luta nos limites do regime burguês-ditatorial (apesar das "aberturas") se realiza principalmente no espaço político extra-legal, ou seja fora e contra as instituições burguesas ou sob seu controle direto. Isto o deixa diante de um impasse: ou aceitar o papel de partido "consentido" (isto é, tolerado, enquanto for útil e não for fundamentalmente perigoso a burguesia e à ordem constituída), condenado a expremer sua ação nos estreitos limites da legalidade de uma ditadura mal disfarçada em democracia e subordinando as necessidades de luta e organização dos trabalhadores a estes limites; ou assumir a luta revolucionária dos trabalhadores, o que implica em definir-se firmemente pelo socialismo, afastar de seu meio os oportunistas e conciliadores e enfrentar a parada contra os patrões, o governo, o sistema, perdendo possivelmente parte de seu trânsito legal, mas conquistando junto com as massas exploradas um espaço político real de ação revolucionária.

sociedade brasileira e revolução

Antes de qualquer outra consideração, nossa análise parte de duas considerações fundamentais: a primeira é que o Brasil é um país capitalista plenamente desenvolvido, tanto quanto pode ser um país que se fortalece como nação capitalista em plena era do Imperialismo, da multinacionalização

do capital; que o estado de miséria, de atraso, de ignorância das massas trabalhadoras não é fruto do atraso do capitalismo, da existência de traços feudais ou neo-capitalistas, mas sim da forma particular com que se dá o desenvolvimento do capitalismo na época atual em países como o nosso.

Uma primeira consequência disso é que não há nenhuma revolução "democrática" (burguesa) a ser feita; que apenas a revolução socialista, a expropriação dos meios de produção e do poder das mãos da burguesia é que pode libertar os trabalhadores da miséria, da ignorância e libertar as forças produtivas sociais hoje acorrentadas aos interesses reacionários do capital e do lucro.

A segunda consideração é que não estamos ainda diante de uma situação política e social em que a burguesia tenha perdido sua capacidade de dominação e que os trabalhadores, guiados pela ideia do socialismo, se coloquem o problema da derrubada violenta do poder dos patrões e a construção de um poder operário.

Embora hoje estejam descartadas tarefas imediatas de organização e preparação de conflagração decisiva para a tomada do poder pelos trabalhadores, esse ainda é o objetivo que diferencia os verdadeiros amigos da classe operária e deve orientar qualquer política em relação a ela.

Qualquer uma destas afirmações, sozinha, chamaria um sem número de páginas de explicação e aprofundamento. Para as metas deste artigo, ficaremos nelas.

o ventre que gerou o p.t.

O grande e inegável mérito do PT foi ter levantado, em escala nacional, a necessidade dos trabalhadores organizarem um partido próprio, independente e antagónico aos partidos da burguesia e seus aliados. Esta talvez tenha sido a principal razão pela qual foi capaz de sensibilizar e atrair para seu projeto uma parte da vanguarda operária e a quase totalidade da esquerda não

comprometida com o reformismo tradicional.

Acontece que a ideia e a prática de organização do partido não se fizeram tão e simplesmente em cima desta bandeira. O PT, como significado político mais geral, representa a projeçao nacional e a aceitação politica do "modelo São Bernardo" de sindicalismo combativo como o meio fundamental da organização dos trabalhadores para a luta sindical. A luta política dos trabalhadores teria seu canal e sua máxima representação no próprio partido na medida em que ele se formasse como partido de massas.

À linha sindical, soldou-se ainda uma teoria política de origem bem variada onde, sob a bandeira genérica de um socialismo (que a própria direção do partido teima em não definir o que seja), se nota traços da visão social-democrata, do liberalismo burguês, do nacionalismo populista radical, da ideologia de libertação propagada pelo clero progressista e também do socialismo revolucionário de inspiração marxista-leninista em várias versões.

Neste caldeirão ideológico, destaca-se porém, uma convergência geral na prática do partido onde se privilegia a ocupação dos espaços institucionais: os sindicatos, o parlamento, a grande imprensa, etc. e como estratégia política, a conquista gradual de reivindicações operárias cujo acúmulo seria o ponto de ruptura do equilíbrio do Estado burguês a partir de suas próprias instituições. Uma estratégia não muito diferente do populismo e do reformismo de esquerda, também auto-proclamados socialistas.

A vacilação do PT e seus intelectuais mais proeminentes em definir uma bandeira política clara, não nos parece ser as precauções teóricas face a um movimento de características novas. O alardeamento da tese de que se trata de um movimento de novo tipo nos parece, ao contrário, uma manifestação de claro oportunismo político que lhes permite fugir a uma definição socialista, revolucionária e marxista, ao mesmo tempo em que não se sentem na necessidade de negar estas definições de princípios e objetivos.

Não se pode dizer que qualquer destas inclinações político-ideológicas sejam projeçoes naturais e inevitáveis do movimento operário dos últimos anos. Uma análise mesmo superficial das lutas sociais recentes no que elas

tiveram de mais dinâmico, de mais inovador - o movimento operário grevista de massas - mostra que o móvel destas lutas, o estímulo dos trabalhadores foi a melhoria das condições de vida e de trabalho em seu estágio mais inicial, o econômico, o sindical. A política não chegou a se colocar para as massas trabalhadoras como uma questão de classe, de disputa dos mecanismos de poder.

A ideia de que o PT representa justamente este salto que separa sindicalismo de política desconsidera que, no que diz respeito a organização e à consciência da massa, o elemento fundamental de transformação é a ação. E as ações da luta operária ficaram e ainda estão, fundamentalmente confinadas ao campoo sindical.

Um partido político, mesmo operário, não é a organização da massa e sim a organização de uma parcela consciente desta massa que disputa um papel de direção nas lutas e a realização de um programa. O PT, visto como partido, tem que ser medido pelo seu programa mas, principalmente, na qualidade e sentido da direção que pretende imprimir as lutas operarias (O programa sindical do PDT e do PMDB, por exemplo, sao tão liberais e reformadores quanto o do PT).

Se o PT foi gerado em torno e a partir do movimento operário, isso não o transforma, necessariamente, num partido operário, apesar das intenções e do estado de espírito nele dominantes.

É mais fácil encontrar a gênese do PT nas necessidades burguesas de restauração das instituições e na capacidade de atrair contingentes significativos, politizados e descontentes das classes médias. A nosso ver, é essa gênese que o impede de uma definição política mais clara.

luta sindical e política

A liderança que produziu o PT passou da experiência sindical para a política sem compreender ou resolver o problema essencial da classe operária, colocado hoje como uma questão de fato: a necessidade de sua organização

independente do Estado burguês, da luta radical contra a permanência da estrutura sindical getulista e dos métodos paternalistas de condução e organização do movimento operário.

Seria errado pensarmos que as posições defendidas em São Bernardo de organizar a luta dos trabalhadores exclusivamente a partir do sindicato constituam apenas uma manifestação de inexperiência. Havia naquilo tudo, e particularmente na maneira que eles viam e combatiam a proposta de formação de comissões de fábrica com autonomia em relação aos sindicatos, uma ideologia política que assumia como definitiva a instituição sindical para canalizar a luta dos trabalhadores. O exemplo mais claro desta ideologia e da política que ela inspira aparece na vacilação da direção sindical de São Bernardo em comandar a livre associação da massa trabalhadora quando o sindicato sofreu intervenção. Naquele momento, a massa foi conclamada a "defender o sindicato" quando na verdade estava mais interessada na defesa daquela direção combativa. E seguramente não vacilaria em se constituir num grande e poderoso sindicato livre, que poderia inclusive ser reprimido, mas teria profunda repercussão sobre o futuro do movimento ali e no restante do país. O fato do Fundo de Greve substituir o sindicato como referência de articulação sindical onde se reunia a direção cassada, cumprindo um papel decisivo naquele momento, não serve para encobrir o fato político de que se abandonou uma oportunidade única de se colocar, de forma concreta, uma nova bandeira e uma nova referência para o movimento sindical e político da classe operaria.

A argumentação defendida era de que já naquela época a luta sindical estava politicamente esgotada porque se chocava com a política mais geral do regime e que era necessário então que os trabalhadores se organizassem para influir na esfera da política e dos partidos. Este pensamento ignora a verdade que se a direção de São Bernardo adotasse, naquelas condições uma posição de classe radical, com o respaldo e a representatividade que tinha (porque esta era a disposição do movimento), teria criado o primeiro e mais importante obstáculo a livre manipulação dos trabalhadores pelo regime. Esta condução obrigaria também as correntes burguesas e pequeno-burguesas (partidos como PMDB, e mesmo os partidos clandestinos como PCB, PC do B) a mostrarem

sua face real de compromisso com a redemocratização burguesa e não com a revolução dos trabalhadores.

Se os trabalhadores ainda não deixaram sua marca definitiva na história brasileira isto se deve em muito a política que dirigiu suas lutas e, sobretudo, sua organização. E esta qualidade do movimento, o PT sempre interpretou de maneira própria, não dialética. O caráter vistoso das manifestações em São Bernardo e as repercussões nacionais daquelas jornadas abafaram o fato de que mesmo lá não se fez quase nenhum esforço significativo para construir uma sólida organização dos trabalhadores nos locais de trabalho, à prova de intervenções federais, capaz de democratizar e vitalizar a vida sindical, de construir as bases da destruição do sindicato getulista. E preparando, simultaneamente, as bases para um movimento político operário com conteúdo de classe e revolucionário.

A direção sindical que se fortaleceu em São Bernardo a partir da experiência dos metalúrgicos e em torno da figura de Lula, desde seu surgimento rejeitou (quando não combateu abertamente) toda experiência de organização e luta que se processasse fora dos sindicatos; combateu as comissões de fábrica (opondo-lhes, na época, o delegado sindical); foi conivente e conciliadora com a prática e as propostas dos pelegos e reformistas cuja traição era acobertada na Unidade Sindical; desconheceu e combateu o significado revolucionário dos comandos de luta, a organização pela base de empresas, etc.

Isto não desmerece o valor e a importância da conquista de dezenas de sindicatos por composições de forças não comprometidas com o peleguismo tradicional e que, umas mais do que outras, favoreceram as lutas e a organização dos trabalhadores. O que estamos tratando aqui é de uma questão de qualidade e consequências gerais para o movimento operário e revolucionário. As ondas grevistas não são novas em nossa própria história e também não é novo o fato de que se as greves não se prestam à construção de uma forte organização operária, os patrões se recuperam e arrasam o movimento com a violência que for necessária, não deixando pedra sobre pedra. Que memória tem o movimento operário de hoje das lutas de 53, de 63,

de 68? Que organização ficou que fosse a base uma retomada em 77 em nível mais alto?

Uma análise mais detalhada do processo que vivemos mostra que em nenhum outro momento de nossa história dos últimos 50 anos os trabalhadores mostraram tal vitalidade, tal disposição de quebrar as barreiras do controle burguês sobre seu movimento. E esta diposiçao foi parcialmente neutralizada pela qualidade da direção que encampou a frente das lutas. Se esta direção soube compreender o espaço que se abriu ao movimento operário pelas vacilações da burguesia e pela sua política consciente de "abertura", não soube entender o significado da luta operária que despontou nas jornadas grevistas de 78, organizadas em comissões de fábrica, cujo fortalecimento e articulação representariam o embrião de um verdadeiro sindicalismo combativo, amplamente representativo e democrático.

Dizer que a evolução seguinte foi uma consequência natural do estágio do movimento, do seu passado de submissão à repressão e ao controle ideológico, é não absorver que naquele momento e naquelas condições ele estava rompendo com aquele passado e que o papel de uma vanguarda era incentivar, fortalecer e se colocar à frente daquele rompimento. Num momento em que uma burguesia ainda forte mas abalada por divergências internas procurava fortalecer os mecanismos institucionais para configurar um "pacto" com os trabalhadores (que antes eram tratados somente no cacete), o desenvolvimento de uma organização operária fora deste controle, e por isso capacitada a explorar todos os meios legais sem se deixar controlar, era a única condição fundamental para os trabalhadores conquistarem um espaço político decisivo naquela correlação de forças, impor um recuo à burguesia e a ditadura e construir um novo patamar para a continuidade de suas lutas.

De outra forma, como entender a projeção dada a Lula e ao lulismo através de todos os meios de comunicação nestes últimos anos? A burguesia interessava encontrar no movimento operário uma direção representativa mas também que não rejeitasse as regras do jogo institucional; um interlocutor válido que não fosse marcado pelo estigma do peleguismo, sob pena dela perder o controle da situação. Neste sentido, deu corda ao sindicalismo "autêntico" só o reprimindo quando as lutas ameaçavam fugir ao domínio da

legalidade (nas greves de 79 e 80 em São Bernardo). Já a greve dos metalúrgicos de São Paulo, cuja força principal incentivadora e organizadora foi a oposição sindical (e não o sindicato), que pregava a auto-organização dos trabalhadores em comandos de representação, direção e de luta, foi reprimida mesmo antes de começar. A polícia invadiu as sub-sedes sindicais (arrancadas pela oposição ao Sindicato), prendeu dezenas de militantes tentando afogar na casca o movimento. Não dá para ver nisso um mero acaso.

A corrente das oposições sindicais esteve mais perto de entender este problema mas, por outras razões que não discutiremos no âmbito deste artigo, mostrou-se incapaz de tirar dele todas as consequências.

O que vale dizer é que se perdeu um momento decisivo para a construção de uma nova situação para a organização dos trabalhadores que hoje estaria dando uma nova referência para a realização de uma política operária.

O PT apareceu como herdeiro e continuador daquelas lutas operárias em outro nível, o nível da disputa política nos espaços legais abertos pelo processo da "abertura".

Neste papel reivindica a si, além da direção sindical, a direção da luta política do proletariado; e quer se apresentar como o canal para o engajamento operário na política com P maiúsculo.

Já mostramos o carater revolucionário duvidoso de sua proposta sindical. Isto não nega parte de sua importância conjuntural neste plano pois tem a seu favor a projeção nacional das lutas de São Bernardo e, especialmente, a imagem de Lula como líder operário de fibra, que negocia mas desafia, que exige mas sabe ceder. Enfim, um líder que "lava a alma" dos trabalhadores, ajudando-os a reconstituir um aspecto de sua identidade de classe.

O surgimento de lideranças é inseparável de qualquer processo de mobilização de massas. A projeção nacional de Lula e do sindicalismo "autêntico" beneficiou-se, porém, do investimento que o sistema fez num sindicalismo mais representativo porém indiretamente controlável. Era uma jogada de risco da burguesia e isto se mostrou na evolução política daquela

liderança sindical, e no carater do próprio movimento operário de massas que, uma vez desencadeado, começou a fazer valer suas necessidades, empurrando para a frente sua liderança real.

No entanto, ao reforçarem o mito e sua proposta sindical, estavam reforçando também um movimento que tolhe a multiplicação, o desenvolvimento e a consolidação de novas lideranças locais, na medida em que este processo passa a ser estritamente controlado (quando não castrado) pela direção sindical. Nisso, a visão estratégica da burguesia não foi frustrada e este é, talvez, o fato de maior significado estratégico para o movimento.

Os métodos sindicais, guardadas as diferenças, foram transpostos para a prática partidária e política.

Do grande contingente de quadros políticos que se incorporaram e incorporam ao PT, interessa-nos, neste momento, os quadros operários, trabalhadores da cidade e do campo. Estes, vindos de uma experiência de luta e organização sindical limitada apesar dos grandes avanços, não estão ainda marcada por uma visão estratégica e tática, dos fins e dos meios.

Para estes jovens e velhos militantes operários (mais jovens do que velhos), o PT representa o cimento de seu instinto e necessidade de classe para a ação política contra os patrões, contra o regime ditatorial, pelo direito dos trabalhadores serem ouvidos e respeitados de norte a sul do país.

No entanto, o que o PT como estrutura, como direção, como métodos de ação interna e externa lhes devolve? Como se desenvolve sua consciência dentro desta frente?

Aprendem uma visão parcial e dogmática da realidade da luta e da organização operárias onde só o "lulismo" é medida para a libertação sindical; aprendem que a direção se galga através de acordos e compromissos internos e não pela força e representatividade conquistadas no movimento; aprendem que a meta atual dos trabalhadores é a consolidação da democracia parlamentar burguesa - com ou sem Constituinte - e não a destruição da ordem burguesa e a construção do socialismo e da democracia socialista; ouvem dizer

que as eleições e o parlamento são meios e não fins mas são praticamente alijados da luta e da organização de sua classe em benefício da "construção e legalização" do partido, da disputa das vagas eleitorais; aprendem que os operários têm interesses antagónicos aos patrões e são obrigados a conviver e "respeitar" um sem número de parasitas pequeno-burgueses, social-democratas de diversos matizes para quem o socialismo se alcança por métodos "democráticos" e que encontram guarida no falso democratismo e nas indefinições do PT.

É justo disputar o espaço dentro da legalidade burguesa conforme a época e as condições. Os operários nunca se furtaram a esta oportunidade. Mas a forma como isso se faz determina e expressa também a qualidade dos partidos operários, se eles são ou não incentivadores e instrumentos da revolução dos trabalhadores.

Discutiremos isto melhor no capítulo seguinte.

eleições e parlamento

Para julgar a questão eleitoral e parlamentar e, em particular, o papel do PT neste processo, é preciso antes pensar no significado mais geral deste processo sob o prisma da luta de classes e da evolução política dos últimos anos.

Os militares sempre desempenharam um papel destacado na vida política brasileira, não só como os guardiães da ordem dominante, mas também como centro de irradiação de um pensamento, de uma política. Isto tem acontecido na maioria dos países latino-americanos e prende-se à incapacidade do desenvolvimento capitalista destes países de atender a necessidades fundamentais das massas exploradas, da radicalidade que as lutas de classes assumem rapidamente, da fraqueza das burguesias locais e da própria sociedade formada em conter, por mecanismos democráticos tradicionais, as aspirações dos explorados.

Mesmo o mais longo período "democrático" da historia da Republica

Nova (depois de 1930), entre 1945 e 1964, foi marcado pela pressão ora aberta, ora surda,dos militares e por tentativas golpistas. O fato dos regimes militares geralmente representarem o favorecimento de um ou mais setores das classes dominantes em detrimento de outros não diminui o fato de que eles defendem, antes de mais nada, a ordem burguesa como um todo, eles garantem a permanência do sistema explorador.

Nos anos pós-64, os militares (de patente, é claro) foram o "partido" da burguesia. Era nos organismos militares que se definiam a política econômica e social e era a eles que os tecnocratas prestavam contas e levavam sua contribuição técnica. Sob este sistema de poder - a ditadura militar - consolidou-se no país o desenvolvimento econômico integrado e dependente do imperialismo, baseado na intensificação da relação internacional, da multinacionalização da economia, da concentração acelerada do capital, necessidades que já se desenhavam desde a 2a. Guerra Mundial como processo necessário a recuperação e ao desenvolvimento do capitalismo internacional.

A "abertura" política não foi, principalmente, o fruto de uma pressão de baixo, das massas oprimidas contra a ditadura. Havia um movimento surdo que mais cedo ou mais tarde eclodiria abertamente. Mas a burguesia, através da ditadura militar, antecipou-se nesta guerra e começou a preparar o terreno para enfrentá-la em condições melhores. Havia, também e principalmente, uma pressão vinda da própria burguesia de readquirir o controle direto do Estado, ou mesmo de mecanismos importantes deste.

A este processo todo tem se chamado de "institucionalização", ou seja, a construção de mecanismos de poder mais adequados a absorver os impactos da luta de classes que se adivinhavam seja pelo avanço da crise económica, seja pela ociosidade e desgaste do regime repressivo nos moldes que vingou de 64 a 75.

As lutas operárias assustaram de início a burguesia mas esta logo se recompôs e já tinha se preparando para isso. E a palavra mágica passou a ser "A LEI". O regime anterior criara não só um clima de permanente insegurança para todas as forças de oposição a ele como também dotara a sociedade e

continua dotando de uma série de leis que restringem quase à impotência qualquer ação que venha a representar algum perigo sério a ordem constituída. É a LSN, a Lei de Greve, as modificações da CLT,da Constituição, a lei eleitoral, etc. O "novo" modelo político aceita a ação dos trabalhadores desde que dentro da lei. Para os "fora da lei", pau e cana. Tudo dentro da "melhor" democracia.

Neste processo todo, o parlamento foi, antes de tudo, um circo, uma fachada mambembe. Mas sobretudo para deixar uma aparência interna e externa, mas sobretudo para deixar uma retaguarda de esperança de ação política as camadas burguesas e médias da sociedade. Quando a ditadura precisava aprovar alguma lei e não conseguia maioria parlamentar, cassava o mandato de alguns deputados oposicionistas, fechava provisoriamente o Congresso, corrompia descaradamente os "representantes" do povo, inventava senadores biônicos e outras mágicas. Como a permanência de dois partidos ameaçava tornar o parlamento inviável neste papel, multiplicou os partidos, fragmentou a oposição e "reinventou" a democracia. Se mesmo assim, a ameaça de uma maioria oposicionista aparece, aprova "pacotinhos" e "pacotões" sob medida para cada circunstância.

Enfim, o parlamento no Brasil nunca foi um órgão estrito de poder da burguesia, e menos ainda no período da ditadura militar. Mas para o projeto de "abertura e institucionalização", de interesse hoje das classes dominantes (no que são entusiasticamente apoiados por todas as classes medias), o parlamento representa, um papel a mais: o de cenário principal da reordenação de forças necessárias à consolidação do novo regime, de recipiente para onde devem ser orientadas todas as forças sociais pois que isto as impede de se organizarem e combaterem fora dos controles mais estritos da burguesia e dos militares, pulveriza a oposição e "redistribui" socialmente as responsabilidades pela crise e suas consequências políticas.

Esta estratégia não prevê abertura na Legislação Sindical. Tampoucos as oçosições, incluindo o PT, coloca essa questão como condição para sua particinação eleitoral.

A luta de classes sempre se dá em cima de condições reais e não ideais.

Os operários sempre que possível se aproveitaram das brechas abertas no sistema de dominação da burguesia para avançar seu movimento, usando as vezes as próprias armas do inimigo contra este. Mas a historia da luta proletária provou até o cansaço que a revolução social não se concretiza através dos órgãos de poder da burguesia mas contra a permanência destes órgãos, destruindo-os e construindo outros condizentes com a necessidade do poder da nova classe. A confusão entre os meios e os fins, a aceitação da luta parlamentar como o eixo decisivo da luta operária sempre se revelou uma nova forma de dominação sobre os trabalhadores, sempre representou o abandono dos objetivos revolucionários em troca de algumas migalhas ou o atrelamento do operariado a alguma corrente política burguesa. A luta eleitoral e parlamentar dos trabalhadores pode ser uma escola onde eles aprendem a necessidade de uma outra democracia, a democracia socialista, na medida em que entendem a impossibilidade do capitalismo atender suas necessidades fundamentais. Mas pode representar, e tem representado na maioria dos países, o atrelamento do proletariado à ideologia democratista burguesa, ao reformismo e *a* social-democracia.

O PT ao situar o eixo de sua prática e de seu objetivo imediato na questão eleitoral e parlamentar, se encaminha rapidamente neste rumo. Para aceitar as "regras do jogo", desenvolveu uma pregação onde a meta é a "ampliação e consolidação do espaço democrático, da participação dos trabalhadores" quando este espaço se amplia é na luta de classes, na luta organizada dos trabalhadores que, aqui e no mundo, se dá principalmente fora dos parlamento; para ser aceito pela ordem dominante, decretou que no sindicato se fará sindicalismo e no partido e no parlamento, política, quando na luta de classes esta distinção não existe; decretou esgotadas as possibilidades políticas da luta operária praticamente antes mesmo das greves de 80 em São Bernardo quando estava longe uma situação em que a luta grevista tivesse se esgotado; o que tinha se esgotado, em parte, foi a condução da luta nos moldes da centralização legal em que tinha transcorrido; mas os trabalhadores não tinham sido esmagados, nem desmoralizados; apenas o desemprego crescente começava a se mostrar uma barreira ao ânimo de luta dos trabalhadores. Mesmo assim, inúmeras greves locais em fábricas importantes, a nova greve de São Bernardo, mostram que é grande o peso da vacilação da

direção operária no entendimento e condução destas lutas.

Una nova onda grevista pode ser esperada, mas quais serão suas bases? O que se terá construído para que ela tenha uma base organizatória mais solida, uma consciência mais clara de seus objetivos?

Para ser aceito, para não ser "vetado" como radical e anti-democrático, o PT dilui a bandeira socialista jogando-a para um futuro remoto que ninguém sabe quando virã, negando aos trabalhadores aquela que seria a única bandeira capaz de diferenciá-lo substancialmente das outras frentes oposicionistas legais (o PMDB, o PDT). Apenas uma definição clara e inconfundível da meta socialista poderia ordenar o restante do programa de um partido de trabalhadores numa linha que não fosse um reforço a redemocratização nos moldes já tramados pelo poder. Apenas a defesa de uma democracia socialista de massa, centrada na organização nos locais de trabalho e de moradia, poderia significar uma diferenciação de uma política revolucionária, mesmo na ação eleitoral e parlamentar. Como desmistificar as eleições "empacotadas" e o parlamento da "abertura" sem mostrar por onde os trabalhadores constroem o seu verdadeiro poder de classes?

No momento em que as questões políticas começam a encontrar um eco nos trabalhadores (e isso não só pela proximidade do período eleitoral) e que não estão dadas as condições de um enfrentamento aberto de classe dos trabalhadores com os patrões com vistas a tomada do poder, três objetivos se destacam. Primeiro, é preciso avançar na construção de uma forte organização sindical desvinculada dos interesses e do controle patronal (o que inclui a ação dos pelegos e dos reformistas). Segundo, é preciso desenvolver uma firme consciência de classe no meio operário, para que os trabalhadores compreendam cada vez com maior clareza o caráter de classe da dominação burguesa e a necessidade de um poder operário, revolucionário, socialista. Terceiro, é preciso enfraquecer as bases de exercimento do poder burguês que além da força são também os mecanismos institucionais que ao aparecerem como legítimos órgãos de representação da sociedade, iludem seu caráter de instrumentos de dominação e exploração sobre os trabalhadores.

por onde avançar

Dentro destes objetivos gerais, a tática se multiplica em uma série de meios e instrumentos que uma discussão detalhada precisa abordar. Para adiantar, destacamos:

– tanto a luta pela libertação sindical como a luta pelo desenvolvimento de uma consciência de classe revolucionária dos trabalhadores passa pela defesa e a criação de organismos de luta e representação direta dos trabalhadores, ainda que não reconhecidos ou admitidos pela lei; é na construção e na pratica destes organismos que se construirá as bases de uma participação efetiva e massiva dos trabalhadores, onde eles reconhecerão o caráter dominador das instituições do Estado burguês, se libertarão do paternalismo e poderão ser os donos de sua própria história.

– é preciso denunciar e desmascarar as "oposições" democráticas ao regime (tipo PMDB, PDT, PTB) como partidos e frentes burguesas e pequeno-burguesas cujo compromisso maior é com a democracia burguesa e com o sistema explorador e não com a revolução socialista. Nisto se incluem segmentos do próprio PT assim como sua política geral.

– continua presente a necessidade de se construir um partido revolucionário dos trabalhadores com fundas raízes no movimento que aglutine o que houver de mais avançado, mais consciente no meio operário em torno dos objetivos revolucionários. O PT não é esse partido. Parte do PT pode e deve estar entre os fundadores de tal partido mas a condição é a evolução para além das armadilhas legais e políticas estendidas pela conjuntura.

– não se enfraquece o poder da burguesia e da ditadura pela simples "ampliação e consolidação" da democracia. Já apontamos que a "consolidação" democrática representa hoje um interesse da própria burguesia. O que pode enfraquecer a burguesia é a criação de uma forte organização operária, sindical e politicamente independentes, isto é, fora do controle da burguesia e de seus aliados e servidores. Os trabalhadores bolivianos chegaram ao poder em 1952 contra a burguesia e as forças armadas, mas entregaram a direção de seu movimento a classe média que a devolveu à

burguesia. Ficou um forte sentimento classista, por exemplo, nos mineiros bolivianos, que defendem sua independência e autonomia a bala e sangue a cada nova investida burguesa. Mas os militantes políticos não devem pensar apenas em "conquistar espaços", "avançar". Tem que pensar em uma forma de se organizar para ganhar a briga até a última batalha. A resposta da burguesia e seus aliados aos nossos fracassos é o massacre e a renovação da exploração a níveis superiores. A história da luta operária na maioria dos países capitalistas está afogada no sangue dos que se deixaram seduzir pelas ilusões burguesa ou que estancaram no meio do caminho para garantir e institucionalizar as conquistas".

As eleições parlamentares são, tradicionalmente, um momento de agitação política ampla e nacional. Cabe aos trabalhadores aproveitarem este momento para ampliar sua denuncia, para reforçar sua organização, para aumentar a coesão em suas fileiras. O cargo parlamentar pode ser aproveitado hoje como um alto-falante de nossas bandeiras e nossos interesses muito mais do que para a "aprovação de leis" que nos beneficiem.

A burguesia não é tola. Montou, porém, uma ratoeira e ao que tudo indica o PT está mordendo o queijo. As exigencias para a formação e existência legal de um partido político são tão extensas e complicadas que obrigaram os membros do PT a meses de um trabalho político que foi, quase que exclusivamente, a "formação e legalização do partido (em detrimento da organização e da luta dos trabalhadores); em seguida, novos "pacotes" federais obrigam a ter candidatos em todos os níveis e todos os lugares, acentuando no PT a luta desenfreada e pouco fraternal por cargos, indicações (a ponto de, em alguns lugares, cada militante ser um candidato). etc., em detrimento de um m debate sobre as questões fundamentais do movimento e a construção de uma unidade maior em cima disso.

Em resumo, o PT se configurou, principalmente, como uma frente eleitoral, a esquerda do PMDB, é certo, mas que está longe de assumir os objetivos centrais e inadiáveis dos trabalhadores. Na prática, dissemina a ideia que um um partido operário tem que ser legal, caso contrário, é um grupelho. Ao diluir a questão de sua bandeira socialista (“para garantir seu trânsito

legal") elimina o que seria determinante para construir uma referência classista para os trabalhadores, diferenciada das propostas burguesas e pequeno burguesas.

Ao não assumir este papel e estas tarefas o PT se transforma num meio frágil de organização operária, que serve de contra-medida nas maquinações burguesas mas sem força para desenvolver uma política própria; pode ate obter uma votação razoável nas eleições, mas voto, bem o sabemos, não representa um compromisso direto e político, ao menos em nosso país . O PT, na linha em que se desenvolve fica desarmado para enfrentar novos "pacotes" que podem, inclusive, acabar com ele, se esta for a vontade dos “empacotadores” e se desarma também como a possível direçao radical das lutas operárias que virão.